

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—Ovar

PROPRIETARIO E EDITOR

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e communicados 50 » » »
Repetições 25 » » »
Anuncios permanentes, contracto especial.
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

A RUSSIA POLITICA E SOCIAL

V

Os cargos civis haviam sido considerados equivalentes aos militares e a velha nobreza em face do tchin. aristocracia mobil, variavel, que reside no facto exterior, e n'uma condicção individual independente do soberano, ficou como abolida sem influencia politica: o nobre que não serve acha-se inutilizado ou nullo; a familia cujo chefe não exerce algum cargo em duas gerações a seguir perde a nobreza.

E' preciso servir ou ter servido.

Das quatorze classes nove dão a nobreza pessoal e as ultimas cinco, a hereditaria; d'ahi a quantidade de funcionarios e de nobres alistados.

Não pôde haver espirito de corporação n'uma tal dependencia.

A facilidade d'obter a nobreza cauza o abandono do commercio e da industria, porque são incompetiveis.

O poder é todo burocratico, n'este systema de fórmas artificiaes.

O ukase de 1845 difficultou o accesso á nobreza.

Os nobres provinciaes são presididos por um marechal: reúnem-se todos os tres annos: cada assemblea nomeia uma deputação permanente para tractar das contribuições; escolhe os juizes, os magistrados inferiores e os da policia local, e competem-lhe as operações do recenseamento. Estes nobres estão quasi arruinados e vão enriquecer á custa das pobres communas.

E a escolha dos juizes é tal que os nobres ficam sempre impunes.

O nobre é isento da contribuição pessoal, do recrutamento: só ao hereditario era d'antes permitido possuir servos, o nobre pessoal não podia possuil-os.

Se não pôde ser privado do seu grau, nem derogado da sua classe sem julgamento, é está uma garantia illusoria; porquanto ao czar é licito o degredal-o e então fica sujeito a tudo aquillo e sem forma de processo.

VI

Do antigo boyard subsistia apenas o oppressor dos servos: a lei não consentia a esta classe infeliz nem ao menos o queixar-se: aquelle que o ousava era severamente punido, porque se temia que o dar ouvidos aos seus queixumes seria animal-os á revolta.

Um resto de influencia de que ainda gosavam os boyards acabou com o ukase emancipador d'Alexandre II: e a velha nobreza guerreira se annullou de todo em face do tchin, a nobreza funcionaria.

Em 1861 Alexandre II emancipou os servos e a este acto seguiram-se outras medidas sobre o systema judicial e administrativo que abriram um novo horizonte ás aspirações dos partidos avançados, e de abstractas que eram até ali, passaram a ter um corpo e a firmar-se na realidade:

a autonomia das communas ruraes, a instituição do jury, o processo escripto, a censura abolida, e sobre tudo as assembleas compostas de tres classes, paisanos, burguezes, e nobres, e nas quaes os principes se sentam ao lado dos servos emancipados, rasgaram no velho organismo russo uma fenda por onde entrou ás lufadas o espirito da civilização moderna.

A imprensa rejubilando lançou ao velho regimen todas as accusações que este momento lhe permitia: de um lado os nobres imaginam que o czar ia conceder-lhes uma representação politica; do outro lado os servos que a emancipação os livraria das pesadas obrigações actuaes; mas os nobres ficaram sem a representação, e os paisanos ainda forçados ao trabalho sem poder deslocar-se dos mirs em quanto não satisfizerem o seu resgate.

Alexandre II, d'este modo, resistindo: aos votos geraes do seu paiz, cahiu no desagrado geral.

A reacção agitou-se em dois sentidos aos conservadores repugnavam as reformas: os nihilistas clamavam que eram insufficientes: pediam estes a extincção das classes, o sufragio para todos, e a liberdade do trabalho.

O nihilismo, doutrina singular, regoitava a auctoridade religiosa, moral e politica; mas não foram as reformas que a produziram, deram-lhe a occasião de manifestar-se: e a litteratura ha muito que reflectia o espirito dos innovadores.

VII

Agora os nobres elegem para certas funções administrativas e judiciaes; mas nem todos gosam de iguaes direitos emquanto ao voto: uns tem o voto viril directo, outros o colectivo indirecto: aquelles devem possuir 3:000 geiras de terra ou uma casa na cidade no valor de 25:000 crusados, ou exercer as funções da 4.ª classe do tchin: votam nas assembleas da sua provincia: estes votam em quem vá represental-os n'uma assemblea presidida por um marechal da nobreza.

A burguezia elege o seu conselho municipal, que além das funções administrativas, exerce a judicatura em todos os litigios entre burguezes e se representa por assessores em todos os outros tribunaes do governo ou do districto.

Os paisanos, socialistas desde tempo immemorial, elege um conselho a que preside um starosta, e que tem varias attribuições administrativas e politicas, cura dos orfãos e das viuvias, e reparte as contribuições, dirige as operações da divisão dos bens em cada familia e dos lotes das terras feitos nas epochas dos recenseamentos.

A assemblea do mir é composta dos chefes de familia, inclusivé das viuvias, e das mulheres na ausencia dos maridos. Não ha apelação das suas decisões.

Os funcionarios e os delegados de cada communa formam a velosta presidida pelo starchin a qual andam juntos um conselho

ou regencia e um tribunal que decide sobre pleitos até cem rublos, unicamente entre paisanos, e quando ventilados entre estes e algum das outras classes, então, são remetidos para os tribunaes ordinarios.

Mas se Alexandre II emancipou os servos do dominio dos nobres, não os libertou todavia das communas as quaes não podem abandonar senão mediante condições mui rigorosas, entre outras o assegurarem a subsistencia á sua familia; o que lhes é impossivel visto que uma outra condicção a que estão sujeitos é perderem o lote das terras que cultivam e ainda se lhes não concede o sairem de uma aldeia sem o attestado de admissão d'aquella para a qual desejam mudar-se.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

(Continua.)

A VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,"

Uma nuvem, que os ares escurece, Sobre as nossas cabeças apparece.

Assim diziam, reproduzindo os dois versos de Camões, os sectarios dos «irmãos unidos» ao lerem o ultimo numero da «Discussão», quando não soubessem ler nas entrelinhas.

Tem muita graça, mesmo muitissima.

Aquella harmonia d'outr'ora, parece ter-se quebrado, mas nós garantimos que não; que continua tudo como d'antes.

Esta revira-volta apparente foi devida a causa extraordinaria, que desconhecemos, nem mesmo temos empenho em conhecer.

Mas esta irmã, cada vez mais ladina, não tem pejo em mentir, ou melhor, em consentir que alguém, no seu orgão, minta.

O entendimento politico, entre os directores dos dois orgãos irmãos, existiu, do contrario não teriam elles tido frequentes e demoradas conferencias, n'uma casa na rua do Picoto.

O projecto da passagem do director do «Ovarense» para o partido regenerador foi accordado nas conferencias havidas entre os «irmãos», e patrocinado pelos Snrs. Drs. Arthur Pinto Basto e Egas Moniz, e se não se converteu n'uma realidade, foi simplesmente devido á opposição do Sr. Dr. Almeida e d'alguns amigos.

Até o proprio governador civil, d'então, quiz impôr a passagem.

Diz a «irmã» que nunca o seu director politico annuira ao ingresso do «irmão» no partido regenerador.

Era ingrata e tyranna, se logo mais abaixo, e em seguida ao desgosto, não desse ao «irmão» o gostinho de lhe dizer que essa opposição desappareceria, e que o acceptaria de braços abertos, quando a passagem fosse imposta pelo seu chefe, pelo chefe do partido

regenerador, d'onde elle nunca sahiu.

Nós nunca dissemos que o director da «irmã» tivesse sahido do seu partido; mas os seus correligionarios e os mais amigos, ha annos, em 1899, salvo erro, fizeram-lhe umas bellas auzencias, quando elle se encontrava em Lisboa.

Quem teria razão? Como são questões de familia (politica, é claro) não queremos intrometer-nos em tal assumpto.

Diremos simplesmente que, cada um, quando politico, já não pode ter direito a tratar da sua vidinha, nem visitar as pessoas, que entenda mais convenientes para conseguir o seu fim.

Esta gente d'Ovar tem lingua de mais.

O «irmão» prepara-se para organizar mais uma companhia de pesca para a futura epocha, e então veremos apparecer a fatura em casa dos pescadores.

Sendo elle o senhorio e arraes, não são precisas matriculas, nem recibos, é tudo o que se pescar para os pescadores.

A' força de arrazoar até se esquece do que sabe muito bem.

O pescador, nas companhias da nossa costa, não é somente trabalhador; é um socio dos senhorios, e ganha, mais ou menos, conforme o maior ou menor numero do pessoal da companhia.

Antigamente não havia soldadas a pagar a não ser ao arraes, escrivão e procurador, e eram pagos só pelos pescadores.

Passado algum tempo, depois que as Companhias passaram a ser de senhorios, principiou-se a pagar soldadas a alguns pescadores, que as mereciam pelo seu trabalho, ficando isso dependente de contracto particular, pois nas escripturas que se faziam, todos os pescadores se obrigavam a trabalhar, só pela parte e sem soldada.

Em 1892 exigiu a lei que todo o pescador, que tripulasse os barcos, se matriculasse como tal, e como desde então os senhorios já tinham um contracto escripto, pelo qual podiam obrigar os pescadores a cumprir o seu dever, deixaram de fazer-se escripturas, continuando as companhias com a mesma organização.

O primeiro pessoal, que é contractado, é a tripulação dos barcos, e só mais tarde, e mesmo pelo anno adiante, é contractado o pessoal auxiliar, que faz o serviço da terra.

N'estas condições, na occasião da matricula, é absolutamente impossivel saber-se qual a quarta parte que cada pescador vence, mesmo porque elle é tambem socio nos lucros e prejuizos.

E' este o uso e costume da nossa costa, que tem sido sempre respeitado por todas as autoridades maritimas.

Os pescadores recebem sempre aquillo a que tem direito, e até muitas vezes mais do que deviam, portanto os senhorios repartem por elles o preço do pescado antes de ser recebido e acontece que os compradores não o

pagam, o que se tem dado frequentes vezes.

E demais a matricula é um contracto bilateral, e assim hão-de respeitar-se as condições, que d'accordo quizerem ambas as partes.

As cedulas de inscripção não podem nem devem estar nas mãos dos pescadores, mas sim em poder do arraes como é de lei, e só depois que termina o tempo do serviço é que elles teem direito a recebê-las, sob pena de multa imposta ao arraes, que recusar entregal-as.

O «Patarata» da irmã atira-se ao irmão como gato a bofes, mas tudo isto para inglez vêr, pois não perde a occasião para atacar indirectamente terceira pessoa a quem manifestamente quer defender.

Affirma que é falso que o snr. dr. Almeida fizesse qualquer accordo politico com os adversarios.

Esta affirmacção é verdadeira, e foi sempre o que nós dissemos, mas já assim diziam tanto o «irmão» como a «irmã» bem como os seus adeptos.

O accordo das ultimas eleições foi feito á ultima hora, sem interferencia, directa ou indirecta, de qualquer politico de Ovar; é esta a verdade.

Quem disser o contrario mente. Ainda bem que a «irmã» se emendou do erro em que estava.

Qual seria o santo, que converteu tão grande peccador?!

Diz a «irmã» ou antes o «Patarata» que a nossa prosa é insossa e que os artigos do «irmão» são na verdade bem escriptos.

Não nos zangamos com esta apreciação, porque o gosto é questão de paladar, e a «irmã» já o deve ter um pouco estragado por, ha muito tempo, só apreciar ou comer o que é do gosto do «irmão».

Ora, variando mais uma vez, talvez torne a pensar, como outr'ora.

E isso não lhe fica mal, porque pôde arranhar mesmo sem unhas.

Boletim Elegante

Na manhã do dia 28 do mez findo, realisou-se na igreja matriz d'esta villa o consorcio da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Mafalda Ramos, filha da sr.^a D. Thereza Arminda Ramos e irmã do nosso amigo José Ramos, com o sr. Miguel Redondo Jimenez.

Anhelamos aos noivos um futuro perenne de felicidades.

Faz annos, no dia 8 do corrente, a menina Anna, filha do sr. Francisco Julio, dig.^{mo} official de diligencias, d'este juizo.

A Visão dos Tempos—e as Modernas Ideias na Litteratura Portugueza

IX

Antes de ir mais longe n'esta analyse das poesias, a que Soares de Passos me fez a honra de dar o seu nome, direi d'onde resultou ter o illustre plagiaro o ensejo de trocar a sua musa pela minha, que ainda retrahida queria contudo apparecer com o *Firmamento* e esperava obter algum applauso.

Em 1854 morava eu em Coimbra na rua do Correio — e uma noite lembrando-me de consultar sobre os meus versos o primoroso ouvido do Sr. Ayres de Gouveia, dirijo-me a sua casa, que era na rua dos Militares. Entrei, estava á meza com os seus companheiros Soares de Passos, Silva Ferraz, e José Carlos Lopes — questionava com o primeiro — perguntolhe sobre què — passado um momento, diz-me «As Folhas Cahidas?» declaro o meu conceito. O Sr. Ayres de Gouveia vira-se para Soares de Passos com esta simples frase — vê — e Soares de Passos manifestando o seu pouco senso em poesia responde «pois eu julgo, que se em vez de terem o nome de Garrett a firmal-as, fosse um outro qualquer, ninguem faria caso d'ellas».

Não contestamos. O silencio devia ter-lhe feito perceber como era recebida a sua observação lastimavel.

Levanta-se o Sr. Ayres de Gouveia, convida-me a entrar no seu quarto, onde appareceu o Sr. Carlos Lopes com uma arte d'inglez aberta.

O Sr. Ayres de Gouveia. Hoje não posso leccional-o — tenho de fazer uma dissertação, que hei de apresentar na 6.ª feira.

— Tambem eu vinha tirar-lhe o tempo.

— Então com què?

— Com uns versos, que lhe quero mostrar.

— Dê-os cá.

— Não os trago escriptos.

— Recite.

— Uma das poesias precisa de longa explicação, não ha tempo — outro dia — despeço-me.

Ao sahir, encontro Soares de Passos e Silva Ferraz, que se retiravam da sala da mesa.

— Já vai?

— Os Snrs. hão de querer estudar.

— Não temos aula ámanhan.

— Ah! é verdade — ámanhan é quinta feira — (dia feriado nas aulas de Direito).

— Pois eu tenho, mas isso não importa.

— Entremos para aqui — disse um d'elles.

— Era para o quarto de Miguel Teixeira Pinto, por signal esquinado, com uma só janella, a estante, onde não vi um só livro, á esquerda da porta, e duas cadeiras — sentei-me n'uma defronte da janella, n'outra o sr. Passos junto do leito, e Silva Ferraz debruçou-se sobre a mesa d'estudo — e abri a conversação, dizendo — os lyricos portuguezes dão provas de muito talento e habilidade tratando assumptos rebatidos, muito lhes conviria o estudo da sciencia da philosophia para darem mais elevação aos seus cantos.

— Soares de Passos — o sr. Almeida nunca fez versos?

Então lhes communiquei tudo o que tinha composto e concebido sob aquelle ponto de vista — a minha opinião era, que toda a poesia deve consistir n'uma idea scientifica, ou philosophica, ou n'uma impressão da natureza, da vida, da historia, ou n'um assumpto qualquer, que de tudo isso participe.

Fallei durante cinco horas recitando as poesias, que havia composto, notando onde deviam ser corrigidas, repetindo-as, e desenvolvendo em prosa os themas de que só havia feito algumas estancias.

Tudo ouviu o Sr. Passos com

os seus grandes olhos arregalados — não deu uma palavra senão para responder á pergunta, que lhe fiz, se havia entendido a 3.ª estancia do *Firmamento*.

— Respondeu que não — e eu disse a Silva Ferraz, que explicasse, como a terra podia não ser vista das estrellas.

Silva Ferraz, explicou; o Sr. Passos não deu signaes de o haver comprehendido.

No dia seguinte mandei-lhe uma copia do *Firmamento*, do *Noivado*, e da *Infancia e Morte*, que não é do Sr. Passos, nem minha, e que eu traduzi do francez.

Sucedeu pouco depois a revolta dos estudantes, de que a maior parte abandonou Coimbra dirigindo-se a Lisboa para se queixar ao governo levando por chefe Antonio Ferreira Girão, a quem tambem recitei o *Firmamento*, — direi onde e quando.

Fechadas as aulas, o Sr. Ayres de Gouveia, Soares de Passos, Teixeira Pinto, e Silva Ferraz, retiraram-se de Coimbra para o Porto, e eu acompanhei-os na jornada, dando se n'ella incidentes, que se referiam á recitação das poesias tantas vezes reclamadas.

Dahi a alguns mezes no Porto tratou se d'uma edição em volume dos *Bardos*, jornal de versos, cuja existencia eu ignorava até á leitura das famosas *Ideas Modernas*, 12 annos depois de publicadas.

Os *Bardos* eram impressos na Typografia de Francisco da Fonseca, que em 1854 comprou as folhas, que haviam sobrado, e quiz reunil-as em volumes, e expol os á venda.

Faltavam porem algumas, ou parte d'ellas, que por conseguinte reimprimiu — e ahi foram inseridas novas poesias, segundo o testemunho insuspeito do Sr. José Lopes da Silva, livreiro hoje estabelecido na rua Chan — o que não podia deixar de ser para que lá se encontrasse o *Noivado do Sepulchro*.

Ao menos para mim veja-se a triste figura do Sr. Theophilo em querer que seja rigorosa a data de 1852, que attribue ao *Noivado*, e que esta ballada seja *authentica* de Soares de Passos se não me hei de rir da singela confiança, com que o affirma ao verdadeiro auctor, se não hei de taxar de offensa a descahida «que infelizmente para mim a falsidade da imputação estava provada»!

Prova fica mais uma vez a sua pedanteria — todos os seus livros a denunciavam, emquanto que a falsidade de que me accusa é uma calunnia infame.

Temos aqui repetida a pertinacia, com que tambem declarou *authentica* de Ayres Barbosa uma carta, que o snr. Rodrigo Felner publicou sob o pseudonimo d'aquelle antigo escriptor. Eis em seguida o alegre folhetim do «*Diario Illustrado*», a que esse caso deu motivo.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

A CARTA

Aqui d'el reil que nos querem palmar a carta! Socorro! que dão golpe de estado para derrubar a carta, e nós declaramo-nos, com toda a força das nossas convicções, cartistas... da carta de Ayres Barbosa, cujo hymno é composto por Nicolau Tolentino de Almeida, com musica de Theophilo Braga.

Protestamos contra a emboscada! A carta é nossa, custou-nos o nosso dinheiro, pertence aos cento vinte bravos que primeiro desembarcaram nas praias do editor, a colher aquelle tropheu de gloria, que ainda não encontrou o desditoso a quem coube em sorte o numero cento vinte um da tiragem do grande e sublime monumento, que ha de perpetuar o nome do professor do curso superior de letras.

Venha o centesimo vigesimo primeiro comprador do livro, venha esse desventurado carpir a

sua triste sina e mostrar a lacuna medonha que se encontra a paginas 105 do seu exemplar! Venha! que queremos ter d'elle e mandar-lhe de presente uma copia da carta de Ayres Barbosa, para que por ella posse apreciar e avaliar o trabalho do illustre professor, que sem aquelle documento fica inintelligivel, truncado, assim como uma perua sem pernas ou uma columna sem pedestal!

E ha para ahi maldizentes que andam a espalhar que é apocrypha a carta, e que onde se lê Ayres Barboza se deve lêr Rodrigo Felner! Misérias da invejal As glorias do sr. Theophilo não se empanam assim! Se Ayres Barbosa não escreveu a carta, podia tel-a escripto; se Rodrigo Felner foi quem a escreveu, era melhor que a não escrevesse. Ninguem lhe encomendou o sermão. E depois tambem para que usou o illustre academico um nome que não era o seu? aquillo não é uma acção bonita, em homem tão grave e sisudo! E demais disso *la recherche de la paternité est defendue*. A certidão de baptismo diz que a carta é filha legitima de Ayres Barboza? Pois é! Se o pae natural é o sr. Felner, perdeu lhe os direitos! e acabou-se!

Já agora a carta de quem é, de quem se não pôde mais desligar é da gloria litteraria do sr. Theophilo! Supprimam-a em quantos exemplares quizerem da sua edição! Egoistas! avaros! somiticos, que querem que só poucos tenham o gosto ineffavel de saborear aquella descoberta!

Deixem a carta! não sumam a carta! Queremos a carta para todos. Nada de privilegios... que são contra a carta!

Pois que? O infatigavel e laborioso moço anda por ahi com a sua alfofa e o seu gancho a apañhar trapos e papeis velhos, e porque uma vez colhe uma casca de abobora, illudido, em facil engano, e mette entre a farrapagem, e a vende a peso ao editor, hão de descontar-lhe na importancia da venda os grammas que pesa a casca da abobora só porque é casca de abobora, em vez de ser papel! Nada! Não deve ser! Ajuste faz lei, e a casca de abobora entrou no ajuste!

Pôde a imagem do sr. Rodrigo Felner apparecer em sonhos ao biographo de Camões, a fazer-lhe surriada, a deitar-lhe a lingua de fóra, a impaccional-o com visagens e caretas, a estender ao longo do nariz as duas mãos abertas, dando aos dedos o movimento de quem toca flauta; pôde beliscal-o sem piedade, sentar-se-lhe á cabeceira, repetindo-lhe os versos de Nicolau Tolentino na toada lugubre e melancholica com que as mães cantam aos filhinhos o *vae-te embora ó papão*; pôde dizer-lhe em voz escarninha que não houve ainda propheta tão vidente que anteviesse, dois seculos antes, o que um poeta havia de metrificar uns duzentos annos depois; pôde ensinar-lhe diversos modos de distinguir o seculo XVI do seculo XVIII e este do XIX; pôde fazer-lhe caçoada pela sua ingenuidade infantil, pela facilidade com que engole araras litterarias; pôde tornar-se o pesadelo constante do illustre professor do curso superior de letras, o diabo azul de toda a sua vida; saltar-lhe do prato da sopa com a carta de Ayres Barbosa na mão, surdir-lhe de dentro do tinteiro com a carta de Ayres Barbosa na mão, apparecer-lhe d'entre as folhas dos jornaes que cantam os louvores do seu preclarissimo engenho com a carta de Ayres Barbosa na mão, erguer-se-lhe das pedras da calçada com a carta de Ayres Barbosa na aninhar-se-lhe dentro da cópa do chapéu com a carta de Ayres Barbosa na mão, alojar-se-lhe na mão algebeira do frack com a carta de Ayres Barbosa na mão, estaletar-se lhe no travesseiro sempre com a carta de Ayres Barbosa na mão, é pirraça mal feita e de mau gos-

LITTERATURA

O LAGO

(Poesia de Lamartine — Versão livre)

Assim de praia em praia, ó vão destino humano,
Para um fatal abysmo arrebatat nos vemos!
E a ancora um dia só, das eras no oceano
Jámais lançar podemos?!

Eis o anno mal termina, e d'ella a doce imagem
O Lago junto a mim espalhar tu devias...
E olha, sósinho eu vou sentar-me ahi na lagem,
Onde sentado a vias!

Murmuravas assim entre os altos penedos,
Assim pela fragura os teus rôlos quebravam...
E as ondas a seus pés, como agora em folguedos,
A espuma lhe atiravam.

Cobria-te, uma noite, o véo d'argenteos lumes;
Na gondola, ao sabor das vagas indolentes,
Nos iam bafejando as brisas e os perfumes
D'estas margens florentes.

Então erguendo a voz com novo, estranho accento,
Ficaram a escutal-a os ermos commovidos...
Eis o que tu lh'ouviste, aos magos sons attento,
Calando os teus ruidos.

«Aqui retarda, ó tempo, estas horas d'enleio,
Tuas asas modera:
Eterno d'esta noite o gozo, o devaneio,
Em minh'alma eu quizera:

«Vôa, não para mim, não ha tantos qu'imploram
A paz da campa escura?
A magua e a vida leva áquelles que a deploram,
Não roubes a ventura:

«Tu és um mar sem porto, as vagas, que derivas,
Sem margens vão rolando!
Gozemos sem tardar as horas fugitivas
Com mais ardor amando!

«Alguns momentos mais em vão te peço agora,
A noite vae fugindo...
Em vão rogando estou que detenhas a aurora,
Eil-a já reluzindo!

O tempo, e foi assim que tão doces instantes,
Cheios d'amor feliz e d'enlevo e de gozo,
Sumiste para sempre ainda inebriantes!
Serás tu invejoso?

Não salyas um vestigio ao menos! Tudo apagas.
Dos dias de prazer acaso tens tu zelos?
Jamais á nossa dôr, rolando as tuas vagas,
Não virás devovel-os?

O tempo, ó nada eterno, ó sombrias voragens,
Vosso abysmo o que faz dos séres que devora?
Fallaz, tornar-nos-heis os gozos e as imagens
Que nos roubaes agora?

O Lago, ó luz dos céos, ó rochas, ó planura,
Vós que sempre duraes, ou não tendes mudança,
Guardae-me d'essa noite, ó natureza pura,
Ao menos a lembrança:

Ou seja em teu silencio ou seja em teus rumores,
No aspecto scismador dos olmos inclinados,
Nas ramas a oscillar, nas sombras, nos verdores,
Sempre em ti renovados:

Nas ondas que o gemer avivam a saudade,
E nas penhas que estão a ouvil-as entretanto,
E d'esse astro na terna e molle claridade,
O teu maior encanto!

Nas arias do cantor, que dos ermos s'inspira,
Nas brandas virações, nos agrestes olores...
Em tudo quanto aqui se sente ou se respira,
Recorda os meus amores!

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

to de que o excelso professor é capaz de vingar-se, demonstrando á sociedade que Rodrigo Felner nunca existiu, que foi um mytho inventado pela ardente imaginação dos portuguezes, nas épochas prehistoricas do seculo XIX, nos nebulosos tempos da publicação da *Imprensa e Lei*, só com o fim de lhe attribuirem a carta de Ayres Barbosa, que, por uma intuição naturalissima em tão aguçado Ayres, adivinhou Tolentino com a mesma facilidade com que a sociedade vencedora adivinha chardas!

Mas, amigo editor, para que palmaste tu a carta, ao contar a centesima vigesima primeira folha de papel que entrava no teu

prélo? Quizeste fazer como as creanças que, depois de construírem pacientemente um castello de cartas, começam a tirar-lhe com todo o cuidado as da camada inferior, sem verem que a edificação se desmorona toda e que toda aquella elevada e leve geringonça vae atraz da carta que se tira? Mas como arranjaste tu isso, editor amigo? como te houveste com a composição? Juntaste a primeira pagina depois da carta á ultima antes d'ella? Mas n'esse caso como sae certa a paginação das outras folhas nos primeiros cento vinte exemplares e nos seguintes deixaste uma lacuna, enchendo de quadratins as cinco ou seis paginas por sobre as quaes se esti-

rava a negregada e gloriosa carta, e ficou alli uma especie de deserto immenso, a mostrar aos leitores *campus ubi carta fuit*, nas folhas brancas do livro, desde o periodo anterior até ao que segue á carta adorada, sem que entre elles haja nexos ou união? Ou aquelle largo espaço foi cheio por composição nova e qual? e o que diz? e como substitue a carta de Ayres Barbosa? Queremos isso, pedimos isso! Não nos privem d'esse novo acepipe.

(Continúa)

Uma visita aos nossos amigos Angelo e Manoel Leite.

RECORDAÇÃO

Amigos: Chegámos a esta villa devéras impressionados, pela agradabilidade e fôrma como decorreu a nossa digressão—sem contrariedades, tempo esplendido, e além d'isso boa disposição e appetite, o que é muito natural na nossa idade.

Foi, realmente, uma festa que bem merece ficar registada.

Acceitae, pois, presados amigos, estas pobres expressões nascidas do fundo d'alma, e a descrição do passeio, como eterna «recordação» da amizade que nos liga, e, como se costuma dizer, *do nosso tempo*.

E fazemos votos para que em breve tenhamos outro passeio tão agradável como aquelle em que o sol beijava suavemente a superficie das aguas da tradicional «*Ria d'Aveiro*».

A convite dos nossos bons amigos Matheus Antonio Soares Bello, Antonio Pereira d'Almeida, Albino Pereira d'Almeida, João Marques da Silva, José d'Oliveira Costa, Adelino d'Oliveira Costa, Antonio Villarinho, Francisco Marques d'Oliveira e Manoel Ferreira de Rezende, sahimos, no dia 24 do corrente, em direcção á estação do caminho de ferro, e d'ali, tomando o comboio das 10, 15 horas das manhã, seguimos para Avanca, onde chegámos pelas 10, 30, sendo aguardados n'aquella estação por aquelles cavalheiros.

Partimos então para a Ribeira, tomámos logar n'um bonito barco e fômos para a Torreira. Uma vez alli, tratamos de saborear um variado almoço, que nos acompanhava, na pittoresca venda do Snr. Angelo Leite.

Findo o almoço fomos vêr a praia, e em seguida, tomando de novo logar no barco, regressámos a Avanca, vindo acompanhar-nos em um outro pequeno barco, os Snrs. Angelo e Manoel Leite, até meia viagem, d'onde voltaram para a Torreira.

Estes snr. estão alli passando a epocha balnear.

Chegamos a Avanca pelas 10 horas da noute, dirigindo-nos a casa do snr. Albino Pereira d'Almeida, onde ceiamos.

Pernoitamos ali e regressámos a Ovar na manhã do dia seguinte, vão sem uma viva saudade por tão agradável diversão.

Ovar, 26 de Julho de 1906.

José Rodrigues Lyrio.
Manoel Pereira Mendonça.
José Maria Brandão.

NOTICIARIO

PESCA

O producto total, da pesca, na costa do Furadouro, desde janeiro até 31 de julho findo, é o seguinte:

Companhas	Productos
S.ª do Socorro . . .	5.950\$580
S. Pedro	5.560\$570
Bôa-Esperança . . .	5.295\$095
S. Luiz	4.908\$400
Total Rs.	21.714\$645

DISTINCTO

No dia 24 de Julho findo, fez exame do 1.º grau de instrucção primaria, na escola «Conde de Ferreira», d'esta villa, ficando distincto, o meu afilhado Joaquim Luiz Gomes.

—E' uma prova de dicção do seu professor o sr. José Marques da Silva Terra, e de applicação do estudante.

Felicito, portanto, o digno professor e os paes do examinando; e a seus manos João, Luiz e Antonio Gomes, envio d'aqui a expressão mais sincera do meu contentamento.

SUICIDIO

Francisco Rodrigues Conde, ou Francisco Lume, era um antigo commerciante de pescado da nossa costa, e que, n'outros tempos,

então—bôa te vae!—não sei o que ha-de ser d'outros que foram depois. Olhe vocemecê, tia Anna, aquelle filho da moleira, o zero-lho; aquillo é um murcão, que não serve para nada.

A tia Anna, sem attentar no confronto, que lhe realçava as qualidades do filho, ria e chorava simultaneamente. E não se sabia dizer se aquellas lagrimas serenas illuminavam o sorriso, se o sorriso mais intristecia as lagrimas!

Dois dias depois da recepção da carta, resolveram-se, ella e o marido, a ir a Braga para tirarem o retrato. Vestiram-se com a melhor roupa domingueira, que servia para a romaria do Espírito Santo, no Bom Jesus do Monte. Ella ia toda sécia de saia escura de serguilha, com tomado e muitas pregas miudas no coz, collete de chita amarella salpicada de florinhas verdes, camisa branca de linho com mangas enfunadas e abotoadas no pulso, meias finas, e sóquinhos de panno azul com ponteiros de verniz.

Atou na cabeça um lenço branco de cambráia bordado, lançou aos hombros o capotilho novo de baeta escarlate debruado de fita larga de velludo preto com as pontas cahidas á frente, até á cintura, e tomou na mão enrugada e

viveu com alguns meios de fortuna.

Mas os negocios nem sempre corriam bem, e o Francisco Lume, durante bastantes annos, a lutar contra os vaivens da Sorte, sentiu-se amesquinhado, e deixou-se subjuar pelo Infortunio!

Baqueou na lucta, e aquella epocha de feicidade que antigamente illuminou o lar de Francisco, passou tambem.

No dia em que a Desgraça bateu á porta do Francisco Rodrigues Conde, este comprehendeu bem as vicissitudes da Vida.

Luctou ainda, como se fosse possível a continuação d'uma lucta tão desigual! Os seus velhos companheiros do mercado quizeram, condoidos da sua desgraça, sustental-o ainda na estrada honrada dos trabalhadores probos. Baldados esforços!

—Aquella estrella que uma vez sómente ella viu refulgir, havia desaparecido para sempre.

E o Francisco Lume, na manhã do ultimo domingo, ainda quando do firmamento não tinham desaparecido as ultimas e pallidas estrellas, dirigiu-se ao Carregal, e ali, n'um velho palheiro, que já hoje lhe não pertencia, poz termo á existencia por meio de enforcamento. O Francisco Lume havia concluido a jornada da sua viadolorosa.

Foi autopsiado na manhã de segunda-feira, com a assistencia das auctoridades judiciaes.

EXAMES

Resultado dos exames do 1.º grau da Escola Conde Ferreira sob a direcção da Dignissima professora official sr.ª D. Gracinda Marques dos Santos.

Alfredo Coentro de Sousa e Pinto, optimo.

Alvaro Ferreira Coelho, optimo.

Antonio d'Oliveira Possantes, optimo.

Antonio de Souza Monteiro, optimo.

Antonio dos Santos Barbosa, optimo.

Antonio d'Oliveira Dixo, optimo.

Antonio d'Oliveira Vinagre, optimo.

Arnaldo Pinto Castilho, optimo.

Francisco Leite, optimo.

Francisco d'Oliveira Maia de Rezende, optimo.

José Corrêa, optimo.

José da Silva Ferreira Andrade, optimo.

José M.ª Lopes Carvalho, optimo.

José Augusto Lopes Taira, optimo.

José Simões Dias, optimo.

José Maria da Silva de Pinho, optimo.

Joaquim Valente, optimo.

Jayme Ramos, optimo.

Manuel da Silva de Pinho, optimo.

Manuel Ferreira Dias, optimo.

Manuel Maria da Silva de Pinho, optimo.

José M.ª de Pinho, optimo.

Manuel André Boturão, optimo.

Manuel da Graça, optimo.

Octavio da Silva, optimo.

Ricardo Possantes, optimo.

Thomé Monteiro, optimo.

José Augusto Pacheco, bom.

Augusto da Costa Laborim, bom.

João Pereira Pinta, bom.

Alberto Maria de Rezende, bom.

Antonio d'Oliveira Manarte, bom.

José M.ª Correia de Pinho, bom.

Manuel Antonio Lopes, sufficiente.

Manuel Maria Guimarães, sufficiente.

João d'Oliveira Manarte, sufficiente.

Fizeram exame de instrucção primaria, do 1.º grau, da escola do sexo masculino do Legado P.º Ferrer de que é professor José Marques da Silva Terra, os alumnos seguintes:

Antonio Lopes Pinto, distincto; Joaquim Luiz Gomes, idem; Manuel Castro, idem.

Fez tambem exame da lingua franceza no Seminario do Porto, habilitado peo mesmo professor, ficando approvado, Antonio Correia Baptista.

Reflexos pallidos

I

Alta, construcção franzina, cabellos louro-castanhos, dir-se-ia uma filha da patria de Cervantes, —tal é a sua *gracia e salero*.

Ignoramos se se levanta á meia-noite para amassar o pão que todas as manhãs vende junto do Neptuno.

O que sabemos é que, durante o dia, vai diferentes vezes ao correio: talvez comprar uma estampilha de cinco reis ou depositar na caixa da estação algum postal illustrado.

Devota de Nossa Senhora de *Nazareth*, vêmol-a aos domingos, na missa das 11 horas, de saia vermelha, chaile de merino preto e sapato de verniz.

Intelligente e viva, já houve, na nossa terra, quem a appellidasse de—*Sada-Yaco*.

Gil-Braz.

O photographo retratou-os em grupo, um junto do outro, ambos de pé, o marido com a mão direita espalmada assente sobre a espadao descahida da mulher.

Ficaram com as cabeças muito levantadas, os olhos arregalados e espantadiços, os beiços franzidos, os membros hirtos e constrangidos, n'uma attitude lórpa, grotesca e ridicula!

Logo que o manco partiu, a tia Anna seguiu-lhe no encalço para procurar carta do filho.

No dia em que chegava a mala do Brazil, iam as mulheres de Izabellinha pedir ao Thomé boticario, que deixasse ir o filho ao correio para lhes lêr as cartas.

Se não havia freguezes a aviar, o pae mandava-o, e o Andrésinho partia alegre, porque gostava da brincadeira.

Era lindo vêr aquelle quadro! O rapaz sentava-se no espigão d'um muro baixo, com as pernas bambaleantes, á sombra d'um sobreiro. Em volta d'elle, mulheres e homens apinhados, com as bocças abertas, escutavam-no com religioso silencio.

O filho do boticario ia lendo uma por uma, muito vagarosa-

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados, filhos e genro do falecido Manoel de Pinho Saramago, dolorosamente surpreendidos pela noticia do fallecimento de seu querido pae e sogro, veem compungidos, por este meio, significar o quanto de agradecidos sentem em seus corações de filhos e genro amorosos, a todas as pessoas que prestaram as ultimas homenagens, acompanhando seu feretro á ultima morada,

Pará, 17 de julho de 1906.

João Maria de Pinho Saramago, Antonio de Pinho Saramago, Antonio Maria Per.ª de Carvalho,

AGRADECIMENTO

A familia da fallecida Anna Gomes Correia, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram apresentar-lhe cumprimentos de condolencias, e acompanhar a fallecida á sua ultima morada, protestando a todas o seu reconhecimento.

Agradecimento

A familia do fallecido Antonio da Silva Fernandes, vem agradecer a todas as pessoas que a honrou com os seus cumprimentos de condolencias e a quem se dignou acompanhar o finado á sua ultima morada.

E protestando a todos o seu inolvidavel reconhecimento, pede desculpa de qualquer falta involuntaria.

SAL

Pelo preço dos outros negociantes, vende-se no largo da Poça.

Manoel Ferreira Dias.

Aos caçadores

Antonio da Cunha Farraria, participa que acaba de receber directamente de *Liège-Belgica*, um variado sortido de espingardas e seus accessorios, para diferentes preços.

—Pede portanto ao respeitavel publico, a fineza de vêr a sua fina qualidade e bom gosto que decerto todos confirmarão.

Garante-se a qualidade e modicidade de preços, que são mais razoaveis do que os de qualquer casa do Porto, no genero.

Rua da Graça

OVAR

Antonio da Cunha Farraria.

mente, as cartas que lhe entregavam.

Não havia segredos para ninguém.

Como o rapaz lia d'alto e bom som, ouviam todos as cartas uns dos outros, como se fossem uma só familia. E alguma noticia triste ou noticia alegre era igualmente sentida e commentada por todo o auditorio.

A tia Anna, como já lhe custava a andar, chegava no fim de todas.

Cediam-lhe logo passagem.

—Deixae, que eu tenho tempo—dizia ella, com a carta do filho apertada na mão.

Porfim, chegou-lhe a sua vez. O filho accusava a recepção dos retratos, mas dizia que não tinha gostado. A tia Anna entristeceu.

A carta proseguia ao mesmo assumpto e terminava assim:

«Vão vocemecês a casa do meu correspondente, os snrs. Nogueira & Sá, da rua das Flores, e perguntem pelo meu amigo e socio Joaquim da Silva Ferreira, que lhes dará as instrucções precisas».

O André, depois de lêr, explicava sempre:

(Continúa)

FOLHETIM

Contos d'Aldeia

O retrato dos paes

Seis mezs antes do manco do correio annunciar á tia Anna que tinha chegado o paquete, recebeu ella uma carta do filho, dando-lhe parte de que ia casar com uma menina rica, de nascimento—dizia elle—prendada. Queria os retratos dos paes, e enviava-lhes dez moedas para as despesas necessarias.

Quando isto constou na Izabellinha, houve geral regosigo.

—Eu não lhe dizia, tia Anna—lembraba-lhe uma vizinha—Se eu logo vi! Aquelle seu Joaquim nunca me enganou. Eu futurei aquillo!

—Pois isso bastava uma pessoa olhar para elle accudia outra, aleitando um filhinho gordo que tinha no regaço—Aquelle olho d'elle, lembra-se tia Josepha?

—Pois não alembra? O rapaz era fino, que nem um alho! Se aquelle não se arranjava por lá,

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

CAZAS

Quem pretender comprar uma morada de cazas altas, novas, com quintal, armazem, poço e agua encanada, sita na Estação, proximo á capella do Martyr, dirija-se a Joanna Rodrigues da Graça, viuva, da mesma rua, ou a esta redacção.

ALFAIATARIA DA MODA

Abel Guedes de Pinho, partici- pa ao respeitavel publico d'Ovar, que abriu uma alfaiateria na rua das Ribas d'esta villa, encarregando-se de fazer toda a obra concernente á sua arte para o que está habilitado, responsabilizando-se pelo seu bom acbaamento; tambem, faz varinos ou gabões pelo systema d'Aveiro, o que executa com a maxima perfeição, visto ser filho d'um dos primeiros artistas d'Aveiro, e d'onde trouxe a melhor pratica.

Espera portanto, do respeitavel publico a fineza de o auxiliar na sua industria, pelo que muito reconhecido fica.

ESTAÇÃO CALMOSA

Sou forçado a não mais ao LUZIO
O seu VINHO gabar no JORNAL;
Pois é justo, eu digo e repito
Que depressa termine este mal.

—As DONZELLAS SOLTEIAS já 'stão
C'o as VENTAS TORCIDAS, zangadas;
E já muitas mandaram calar-me
Sob péna das CALÇAS... TIRADAS.

E' o cazo: S'eu fosse escrevendo
Estes versos; eu bem desconfio!
—Os rapazes trocavam as PÉPIAS
Por um copo do TAL... do Luzio.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 réis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinhas, revolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coop-pal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

BAZAR DOS CAÇADORES

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.